

FACE A FACE!... com João Pinheiro

“Ninguém quer ver os Açores como destino de massas mas não se salvaguarda esta questão”

Correio dos Açores - Descreva os dados que o identificam perante os leitores!

João Pinheiro, 32 anos, casado e com um filho pequeno. Sou empreendedor e natural da Ribeira Grande. Apaixonado pela família e a sua terra.

Fale-nos do seu percurso de vida.

Sou licenciado em Economia pelo ISCTE e com um Mestrado em Ciências Económicas e Empresariais pela UAç.

Iniciei o meu percurso profissional, com uma muito pequena experiência, como bancário na sede da CGD e depois como técnico administrativo na área financeira da MUSAMI. Logo percebi que precisava de liberdade e espaço e comecei a aventura d'As Casas da Ribeira Grande. Em 2014 o alojamento era uma enorme falha de mercado, tinha a minha esposa que também estava na área de Arquitetura e a minha família tinha imóveis a precisar de atenção. Foi a juntar as várias áreas e oportunidades que criamos a nossa rede de alojamento local na Ribeira Grande.

Como se define hoje em termos de acção? Que actividades desenvolve?

Gosto de entrar em acção, e de dar o exemplo. Sou autodidata, e não aceito um “impossível”. Muitas vezes sou chamado de “idiota” por ter demasiadas ideias/soluções.

Quais as suas responsabilidades actuais?

A principal responsabilidade actual é a gestão financeira da empresa, a gestão de reservas, o marketing e dinamização do espaço (eventos).

Como descreve a família de hoje?

A família é a base de tudo na minha vida. Desde pequeno que aprendi que era a coisa mais importante e a base de tudo. E sou um sortudo por trabalhar e viver perto da minha família e de ter uma esposa que partilha o mesmo ideal de vida.

Quais os impactos mais visíveis do desaparecimento da família tradicional?

Se tivermos como base que a família tradicional é uma família numerosa em que o pai trabalha e a mãe faz as tarefas domésticas, os impactos mais visíveis são a dimensão do agregado familiar, que tende a diminuir cada vez mais. Na família actual a mulher tem um papel cada vez mais activo na sociedade e o homem nas tarefas domésticas. Assim somos cada vez mais uma equipa multidisciplinar e com perspectivas diferentes das tradicionais, que se adequam melhor à actualidade e à nossa realidade.

Qual a sua opinião sobre a forma como a sociedade está a evoluir na Região Autónoma?

Como Região Autónoma e pequena, que somos, deveríamos ser cada vez mais unidos, sincronizados e evoluídos. Infelizmente, não vemos esses sinais, muito pelo contrário. Digo isto no sentido em que cada ilha, às vezes, parece voltada apenas para si, e mesmo cada cidade dentro delas. Muitas vezes não pensamos como grupo e como nos podíamos complementar funcionando em diferentes vertentes e em entrelaçada.

Mas acho que, a nível geral, a sociedade está a crescer a par e passo de forma semelhante à restante Europa. A nível de evolução psicológica e posicionamento perante questões pertinentes que se levantam no dia-a-dia mundial, aqui sente-se um acompanhamento geral. O isolamento já não é tanto uma questão que se sente como outrora, agora com a tecnologia e a internet.



João Pinheiro: a pobreza nos Açores “é uma aflição”...

Que importância têm os amigos na sua vida?

Já não temos tanto tempo como quando éramos mais novos, mas ainda conseguimos juntar-nos de vez em quando, para repor as conversas sobre a vida que continua a voar e a lembrar os tempos de pequenos. São poucos, mas bons.

Que actividades desenvolve hoje no seu dia-a-dia?

Desde que sou trabalhador por conta própria e pai, não me resta muito tempo extra. No entanto, gosto muito de cozinhar e, recentemente, exploro a vertente de edição de vídeo.

Que sonhos alimentou em criança?

Em criança sempre fui explorador e curioso. Sempre fui aventureiro e sonhador. Como autodidata, construí a minha própria casa na árvore, montei, desmontei e consertei muitos carros eléctricos e telemóveis, entre outras inúmeras coisas. Sempre gostei de experimentar com as minhas próprias mãos. Pratiquei imensos desportos. Sempre fui muito interessado pelas mais variadas vertentes da vida.

Hoje alimento o sonho de ser empreendedor como o meu pai era e ainda o é. E ainda tenho a satisfação de o sermos juntos e com a restante família. Sou um sortudo nesta matéria.

O que mais a incomoda nos outros? E o que mais admira?

Falta de palavra e ingratidão. Responsabilidade e proatividade.

Que características admira no sexo oposto?

Bem, por alguma razão somos de cromossomas diferentes e os opostos atraem-se. A mulher traz a harmonia e cor à vida. Para além da beleza natural, a inteligência e a certeza. Somos seres diferentes que nos complementamos na perfeição.

Gosta de ler? Qual o seu livro de eleição?

Tenho que admitir que não sou um grande praticante de literatura convencional. Desde novo que sou apaixonado pela tecnologia, e como a evolução nestes últimos 20 anos foram tão rápidos, procurei sempre outras formas de aprender mais e mais rápido, de conhecer e de experimentar. Leio principalmente a

“Como Região Autónoma e pequena, que somos, deveríamos ser cada vez mais unidos, sincronizados e evoluídos. Infelizmente, não vemos esses sinais, muito pelo contrário. Digo isto no sentido em que cada ilha, às vezes, parece voltada apenas para si, e mesmo cada cidade dentro delas. Muitas vezes não pensamos como grupo...”

título de aprendizagem e informativo.

Como se relaciona com o manancial de informação que inunda as redes sociais?

As redes sociais são uma ferramenta que há que saber gerir e interpretar. Podem ajudar-nos a obter informações mais rápidas e selectivas, pois existem sistemas de filtragem destas mesmas informações, de acordo com os nossos “Gostos” e as seleções que vamos escolhendo ver. Isso pode servir-nos pessoal e profissionalmente também, mas há que saber que é uma ferramenta manipulada por algoritmos, publicidades, etc. Aparece principalmente o que queremos ou nos convém ver. Há que ser aberto e ter este discernimento de manter muitas vezes uma posição mais imparcial perante as coisas e buscar sempre outras referências e informações.

Conseguia viver sem telemóvel e internet?

Embora tenha 32 anos, apanhei parte da minha vida sem telemóvel e internet e a parte de toda a evolução destas. Por isso, sim, conseguia viver sem elas, mas não era uma opção que tomava se tivesse que a fazer. Para além de que na área em que trabalho 99% das reservas e da manifestação da empresa de-

pendem destes meios. A nível pessoal, temos família espalhada pelo mundo e com estas comunicações sentimo-nos mais próximos.

Costuma ler jornais?

Sim faço questão de ler as notícias regionais e nacionais.

Gosta de viajar? Que viagem mais gostou?

Quem não gosta de viajar? Ao princípio até podemos estar um bocadinho acomodados ao nosso pedaço de céu que é os Açores, mas quando saímos abrimos os nossos horizontes e regressamos com mais energia e vontade de conhecer mais o mundo.

Gostava de viajar mais do que realmente o faço, e agora ainda menos, mas gostei bastante da cidade de Barcelona pela sua arquitetura e urbanismo e de Estocolmo pelo casamento entre cidade e campo e pela serenidade das pessoas.

Como costuma passar o Carnaval?

Costumamos juntar a família e fazer as tradicionais mallassadas.

Quando eramos pequenos fazíamos as tradicionais limas de parafina e juntávamos os vizinhos em batalhas.

Quais são os seus gostos gastronómicos? E qual é o seu prato preferido?

Sou bastante fã de comida italiana e do nosso tradicional Bife Regional.

Que notícia gostaria de encontrar no jornal?

São imensas as notícias que gostava de ver no jornal amanhã, principalmente para um bem geral humano. Era bom que aqueles que vivem inconso-láveis pelas mais diferentes razões, seja por doenças, fome, guerra, diferenças sociais, etc., pudessem encontrar algum conforto nesta vida que, por vezes, passa rápido, mas que consegue ser interminável para tantos outros que sofrem.

Temos todos os nossos problemas, mas quando comparados, por vezes nem são tão grandes quanto os julgamos.

Como vê o fenómeno da pobreza?

Uma aflição. Sendo uma Região pequena, deveria ser fácil encontrar uma solução para esta discrepância na nossa sociedade. Há pobreza real, e há pobreza de espírito. Também há mecanismos de ajuda mas que precisam de ser revistos, já que, muitas vezes, não traz uma melhoria na vida da população, mas sim um “tapar de olhos” e estagnamento na posição em que se encontram, não fazendo um esforço para aprender, melhorar e ultrapassá-la. Sente-se que está a ser dado o peixe e não a ensinar-se a pescar, e que por isso dificilmente será possível alterar o sistema de funcionamento actual. E há muitos que muitas vezes tentam, esforçam-se e querem lutar para uma vida melhor, mas que esta não lhes é facilitada. Mas este é um assunto que podíamos estar aqui a falar todo o dia, não é tão leviano assim. E tantos outros que podíamos aqui referenciar que necessitam uma revisão. Mas pronto, num tom mais positivo, posso dizer que se sente que devagarinho estamos a “sair da crise” e novas oportunidades estão a surgir, mais trabalho e que o ciclo económico regional está a começar a rolar novamente.

Qual a máxima que o/a inspira?

Parar é morrer.

Em que época histórica gostaria de viver?

Talvez a época Medieval. Sempre fui um apaixonado por cidades, castelos e armas medievais.